

Eduardo Coelho (Org.). *Quarentena da resistência*: na voz de 21 catadoras. Santo André: Coopacesso, 2021. 1. Ed. 240 p. ISBN: 978-65-89136-15-7.

FUNDIÇÃO DE RESISTÊNCIAS

Niele P. F. Pires¹

Este livro é composto por 70 relatos de 21 mulheres brasileiras e atuantes em São Paulo identificadas como catadoras de materiais recicláveis. O seu objetivo é registrar a história pessoal, o percurso profissional e a militância dessas mulheres na busca pela sua sobrevivência e emancipação social e econômica por meio da catação. Grande parte das autoras é de imigrantes que chegaram a São Paulo em busca de oportunidades de trabalho, ou até mesmo fugindo da violência urbana e doméstica que as colocavam em risco.

A compilação dos relatos foi organizada por Eduardo Coelho – professor na Faculdade de Letras da UFRJ – e é resultado de um projeto oriundo da parceria entre a Festa Literária das Periferias – FLUP, o Ministério Público do Trabalho – MPT, a Coopcent ABC, a Organização Internacional do Trabalho – OIT e as universidades UFABC e UFRJ. A Coopcent ABC é uma cooperativa sediada no ABC paulista denominada “de segundo grau”. Ela visa ao apoio mútuo, à troca de experiências e à comercialização conjunta dos materiais recicláveis entre as cooperativas associadas, conforme explicado no vigésimo relato, da catadora Maria Mônica da Silva. O projeto envolveu integrantes de diversos estados brasileiros – de dentro e fora do meio acadêmico – e foi realizado por meio de encontros remotos (*online*) que ocorreram ao longo de sete meses, entre maio de 2020 e janeiro de 2021, durante a pandemia da COVID-19. Isso inspirou o título da obra – *Quarentena da Resistência*.

Ao longo desse período, houve encontros semanais com as 21 catadoras. Inicialmente, as catadoras participaram de um ciclo de formação literária, no qual leram e

¹ Mestranda, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável (PPG-CDS), Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail de contato: niele.arquitetura@gmail.com

discutiram o livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*², escrita por Carolina Maria de Jesus. Ela foi uma escritora preta, mãe solteira, catadora de materiais recicláveis nos anos 1960 e moradora da favela do Canindé, na cidade de São Paulo. O livro relata de forma autêntica uma outra experiência de existir e o sofrimento de quem vive às margens da sociedade. Devido à originalidade da sua caracterização do cotidiano da favela a partir da sua própria vivência, Carolina alcançou sucesso de vendas, foi traduzida para 13 idiomas e circulou em 40 países³. Uma das características notáveis de Carolina é o fato de que gostava de ler antes de dormir e considerava que “o livro é a melhor invenção do homem”⁴, o que denota a sua cultura independentemente da sua pouca educação formal e inspira pessoas em situação semelhante a aventurarem-se na leitura e na escrita.

A realização dos encontros enfrentou desafios básicos, uma vez que quase a totalidade das participantes não lia nem escrevia regularmente, era analfabeta digital e não tinha acesso à Internet e outros recursos. Os obstáculos digitais tiveram de ser eliminados antes de o projeto oferecer acesso regular das catadoras aos encontros e à leitura do livro de Carolina. Os encontros foram desenvolvidos em formato de oficinas e tiveram por objetivo a narração de histórias e a produção textual a partir da leitura da obra de Carolina e da identificação entre as histórias de Carolina e as histórias pessoais das participantes. Apesar das dificuldades iniciais, as autoras contaram com emoção a forma como o projeto impactou as suas vidas e contribuiu para fortalecer a consciência sobre as suas existências e os seus lugares sociais e políticos.

O livro surpreende pela diversidade de histórias e desafios enfrentados por essas mulheres. Prende a atenção do leitor, principalmente da leitora mulher, que se identificar com as questões sociais compartilhadas. Bastam alguns relatos para que o leitor se envolva e passe a torcer pela superação pessoal dessas protagonistas. Um detalhe importante do

² JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

³ VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Edição comemorativa (1960-2020), 1 ed., São Paulo, Ed. Ática, 2020.

⁴ JESUS, 2020, p. 30.

texto é o tom biográfico expressado pela linguagem e escrita, que o organizador manteve de acordo com as falas informais das catadoras, ainda que contrariando a norma culta.

Isso sinaliza o respeito e o acolhimento com o qual o organizador e a equipe da Faculdade de Letras da UFRJ envolvida no processo de escuta e condução das oficinas lidaram com as limitações das catadoras. Esse procedimento aproxima o leitor da realidade vivida por essas mulheres e remete à obra *Quarto de Despejo*, na qual seu editor, o jornalista Audálio Dantas, também optou pela fidelidade à linguagem da autora, interferindo somente na pontuação e em algumas palavras cuja grafia poderia causar a incompreensão da leitura⁵. Além disso, a linguagem fiel traduz a forma de o povo enxergar e expressar sua realidade e estimula o leitor à empatia, incitando a sua comoção e, sobretudo, a sua reflexão a respeito da construção das relações sociais no país.

Um fato em comum identificado em seus relatos é serem vítimas da invisibilidade social por serem mulheres, pretas, pobres, mães solteiras e catadoras de “lixo”. Esses atributos fortemente pejorativos são relegados pela sociedade machista e ainda colonizadora na qual vivemos. Estas características, quando conjugadas, intensificam a violência à qual essas e tantas outras mulheres são submetidas no nosso país.

Ao longo de 200 páginas, a seção “Texto das Catadoras” que contém os 70 relatos revela com sensibilidade as dificuldades enfrentadas pelas mulheres catadoras, como os empecilhos a conseguir moradia e alimentação e o preconceito com que as próprias famílias às vezes criticam o exercício da catação. As histórias permitem compreender como a organização dos catadores e catadoras fortaleceu a luta por melhorias nas condições laborais da categoria e pelo reconhecimento social e político. Os relatos sinalizam ainda o longo caminho a ser percorrido para dotar a categoria e o exercício da catação de dignidade e do reconhecimento justo de seu valor intrínseco.

As demais páginas do livro apresentam e explicam o desenvolvimento do projeto, sobretudo a seção “Bastidores: o processo formativo de 21 catadoras”, e o impacto que as

⁵ DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Edição comemorativa (1960-2020), 1 ed., São Paulo, Ed. Ática, 2020.

histórias pessoais compartilhadas tiveram sobre as equipes institucionais que nele trabalharam. Nesta seção, a equipe do Professor Eduardo Coelho conta a experiência transformadora que o exercício da escuta ativa, o diálogo aberto e a troca de vivências completas de coragem e esperança representou a todos, como um processo terapêutico que lhes serviu como tomada de consciência de seus lugares no mundo.

Chamam a atenção as falas das catadoras que expressam a gratidão ao ofício escolhido, que possibilitou que elas mudassem as suas vidas e que as uniram a outras pessoas com histórias de vida tão duras, mas de superação, de que tanto elas se orgulham. As suas trajetórias pessoais e a busca pela sobrevivência por meio da catação de materiais recicláveis abriram possibilidade de autonomia, segurança e autovalorização. Elas se tornaram conscientes, social e politicamente, e viraram militantes de um movimento social de relevância ambiental.

A organização e o conseqüente fortalecimento coletivo dos catadores levaram a atividade a ser reconhecida como profissão pela Classificação Brasileira de Ocupação do Ministério do Trabalho e Emprego (CBO – cuja finalidade é identificar as ocupações no mercado de trabalho) em 2002. Permitiram também a elaboração de políticas públicas voltadas à integração dos catadores na gestão de resíduos sólidos urbanos, resultando na sua inclusão social e na sua emancipação econômica. Os relatos mostram que, cada vez mais, os catadores estão conhecendo e se aprofundando nos direitos e deveres dessa profissão e do cooperativismo. Além disso, fica claro que, à medida em que adquirem conhecimento sobre a autogestão, transparência e deliberação coletiva, eles asseguram motivos para defender as cooperativas legítimas. Isso é necessário para enfrentar as eventuais iniciativas corruptas, como as “cooperatos” – cooperativas de “fachada” que têm CNPJ de cooperativa, mas não seguem os princípios do cooperativismo. O relato intitulado “Cooperativa toma decisões no coletivo” explica isso. Ele é um dos relatos mais didáticos e estruturantes para a compreensão da causa do movimento de catadores.

É interessante se observar a forma como a organização dessas trabalhadoras pressupõe as suas identificações como pertencentes a um grupo que tem identidade própria e compartilha trajetórias pessoais muitas vezes semelhantes. O desejo de autonomia é inerente à história pessoal de cada integrante e acaba se transpondo ao mote coletivo, no âmbito profissional. Nesse sentido, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis – MNCR é a entidade mais representativa desse grupo, que conquistou espaço político, conforme narrado em “Diálogos com o presidente Lula”, trigésimo quinto relato da coletânea.

A leitura surpreendeu a resenhista e ensinou mais do que se esperava. Ela poderia compor o rol de leituras obrigatórias sobre a sociedade brasileira, questões de gênero, movimentos sociais e cooperativismo, nas quais as narrativas são feitas pelos próprios sujeitos-objeto. Por isso, o livro é recomendável para leigos e, principalmente, leitores interessados em compreender com maior profundidade as questões sociais enfrentadas pelos catadores de materiais recicláveis no Brasil. A cada página, o leitor é conquistado pela honestidade e sensibilidade dos relatos, com os quais ele se conecta espontaneamente e se emociona.

Referência

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada. Edição comemorativa (1960-2020), 1 ed., São Paulo, Ed. Ática, 2020.

Resenha enviada em: 03/05/2022

Resenha aceita em: 20/01/2023